

Elogios as obras de Heather Gudenkauf

“Perfeitamente realizado, o livro prende a atenção do início ao fim e causa um suspense agonizante... a jornada hipnotiza.”

— *The New York Times*

“Inteligente, instigante... Se existe um ‘suspense para fazer pensar’, é este.”

— **Sandra Brown, autora best-seller nº1 do *New York Times* de *Out of Nowhere***

“Heather Gudenkauf é uma mestra do suspense.”

— **Liv Constantine, autora best-seller de *A Outra Sra. Parrish***

“Heather Gudenkauf prova ser a mestra do thriller inteligente e cheio de suspense que se passa em uma cidadezinha.”

— **Gilly Macmillan, autora best-seller do *New York Times* de *What She Knew***

“Magistral, terrível e absolutamente viciante... tenso, conciso e de provocar arrepios.”

— *Kirkus Reviews*

“Uma história tão assustadoramente real que poderia ter vindo diretamente das últimas manchetes.”

— *Publishers Weekly*

Obras de Heather Gudenkauf pela Alta Novel

O Hóspede Noturno

Outras obras da autora

O Peso do Silêncio

Essas Coisas Ocultas

Teia de Mentiras

One Breath Away

Little Mercies

Not a Sound

Before She Was Found

This Is How I Lied

TODOS ESTÃO DE OLHO

QUEM SERÁ O ÚLTIMO JOGADOR DE SORTE?

HEATHER
GUDENKAUF



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2025

Todos Estão de Olho

Copyright © 2025 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2024 HEATHER GUDENKAUF

ISBN: 978-85-508-2475-8

Translated from original Everyone Is Watching. Copyright © 2024 by Heather Gudenkauf. ISBN 978-0-7783-1079-2. This translation is published and sold by arrangement with the author. All rights reserved. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

G956t
1.ed. Gudenkauf, Heather
Todos estão de olho / Heather Gudenkauf ;
tradução Ellen Andrade. -- 1.ed. -- Rio de Janeiro :
Alta Books, 2025.
304 p. ; 13,5 x 21 cm.

ISBN 978-85-508-2475-8

I. Ficção de suspense. I. Andrade, Ellen.
II. Título.

10-2024/263 CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura brasileira B869.3
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs
Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysbelle Trajano
Produtora Editorial: Beatriz de Assis
Tradução: Ellen Andrade
Copidesque: Andresa Vidal
Revisão: Fernanda Lutfi
Diagramação: Rita Motta


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:

alair
ASSOCIADO
CL
Associação
de Editores
do Livro

À memória do meu pai,
Milton T. Schmida

AMOSTRA

AMOSTRA

**TODOS
ESTÃO
DE OLHO**

AMOR

AMOSTRA

Prólogo

Matthew Nada Pedala Corre estava no sofá assistindo a um programa em seu notebook: *Um Ganhador de Sorte*, um reality-show sobre o qual seus colegas de trabalho não paravam de falar. Ele os ouviu tagarelar incessantemente sobre o assunto nos últimos quatro dias. Pelo que conseguiu entender, os participantes estavam competindo por dez milhões de dólares. Curioso, decidiu assistir.

Na tela, um grupo de quatro pessoas, vestidas com as mesmas roupas brancas como se fizessem parte de um culto, estava sentado em um pátio elegante, bebendo vinho. Então surgiu uma mulher, vestindo uma regata de gola alta branca, e que parecia presidir uma espécie de reunião. Fascinante. Ele olhou para a seção de comentários no lado direito da tela.

Eles estão indo longe demais.

Você acha que isso é real? Nada na TV é.

Você não tá acompanhando? É pra valer! E, se não tomarem cuidado, alguém vai morrer.

Isso chamou a atenção de Matthew. Alguém poderia morrer? Como? Por quê? Que tipo de programa era esse? *Round 6*?

Colocou o notebook na mesinha de centro à sua frente, inclinou-se com os cotovelos apoiados nos joelhos, e examinou os competidores com mais cautela. Baseado nos rostos machucados e furiosos que via, supôs que alguma coisa estava acontecendo. Uma das mulheres escondia o rosto com as mãos, e um dos homens bateu na mesa com os punhos cerrados, fazendo as taças de vinho chacoalharem. Matthew também se sobressaltou com o som repentino.

— Fala ou atira? — perguntou calmamente a mulher de gola alta. — A escolha é sua.

O homem não respondeu de imediato. Apenas encarou a mulher, o músculo de sua mandíbula pulsando.

Espera aí, Matthew pensou. Conhecia essa mulher. Conhecia a apresentadora do reality, embora não conseguisse lembrar seu nome. Moraram cerca de um ano no mesmo prédio, em Nova York. Se não lhe falhava a memória, ela era estagiária em algum programa de TV famoso. *Uau*, pensou. *Ela acabou fazendo sucesso mesmo. Impressionante.*

Então, Matthew a viu. Bem no centro da mesa, sobre a toalha de linho branco, brilhando à luz das velas com seu cano longo.

É uma arma?, Matthew digitou.

Você é novo por aqui, né?, alguém respondeu.

Era uma arma. Uma Ruger com punho de madeira e cano de 190mm feito de aço inoxidável acetinado. Era uma piada, certo? Por que havia uma arma no meio da mesa ao alcance deles?

Alguém deveria ligar pra polícia. Isso tá saindo do controle.

Não!, responderam depressa.

Tá tudo bem. É só parte do jogo.

Não sei, não...

Ela está dando um jeito naquele idiota.

Pois é, não estraga o programa ligando pra polícia.

Matthew precisava concordar. Estava vidrado.

Vamos esperar para ver o que acontece, acrescentou ele.

Aquilo no pescoço dela é um hematoma?, uma pessoa perguntou.

Acho que é uma sombra, outra respondeu.

— Fala ou atira? A escolha é sua — repetiu a mulher de gola alta.

O homem pegou a arma e a levantou. Matthew arquejou de maneira involuntária.

— Escolho atirar — respondeu o homem, calmamente pondo-se de pé e pressionando a arma contra a própria têmpora.

MDS! Não faz isso!

Alguém chama a polícia.

Alguém FAZ alguma coisa!

Parem! Não acham mesmo que isso é real, né?

Claro que é real!

Matthew revirou os olhos. A discussão se transformou em palavrões e xingamentos. *Hilário*, pensou ele. Todos esses “guerreiros” entediados atrás das telas ameaçando trocar socos uns com os outros.

Tinha que concordar com os críticos. Todo mundo sabia que nada era real em reality-shows. Ele olhou com mais atenção para o homem que segurava a arma contra a própria cabeça e então arregalou os olhos. Conhecia esse homem. Quais eram as chances de ele conhecer *duas* pessoas naquele programa?

Esse não é... Matthew começou a digitar, mas se deteve quando o homem tirou a mira da arma da própria cabeça e estendeu o braço. Matthew se viu encarando o cano da arma pela tela do notebook. O homem estava apontando a arma diretamente para ele.

Três rápidos estampidos preencheram o ar e a transmissão ficou preta e silenciosa. Estava carregada. A arma estava mesmo carregada. Matthew cobriu a boca com a mão, o coração martelando com força contra o peito.

Estava silencioso. Silencioso demais.

Por fim, os comentários começaram a chegar.

O que aconteceu?

Alguém levou um tiro?

A imagem da transmissão tremulou e voltou. Mostrava o pátio, desta vez por outro ângulo. Tudo o que se via era uma cadeira caída no chão de pedra. Ainda não havia som, e não era possível ver a mulher de regata nem os demais participantes.

O que é aquilo?, alguém questionou.

Ai, meu Deus.

Matthew olhou, boquiaberto, enquanto um fluxo lento de líquido vermelho escorria pela pedra branca e se acumulava em uma poça carmesim.

Acho que é sangue.

Matthew concordou. Realmente parecia sangue. Mais uma vez, a transmissão foi interrompida.

O homem havia atirado em alguém. Mas em quem? E por quê? Matthew se sentiu enjoado. Ele queria fechar o notebook, mas não conseguia tirar os olhos da tela, meio torcendo para que a transmissão voltasse, mas ao mesmo tempo torcendo para que não. Que tipo de jogo era *Um Ganhador de Sorte* e por que valia a pena matar por ele?





A Melhor Amiga

Maire Hennessy semicerrou os olhos por causa do sol de outubro enquanto dirigia pela estrada tranquila do condado em Iowa. Os campos estavam repletos dos restos da colheita de outono e de gralhas com bicos pesados e melros de olhos redondos que se alimentavam das sobras antes que o clima esfriasse. Isso a entristeceu um pouco. Em breve, o inverno chegaria, implacável e impiedoso.

Naquela manhã, arrumara suas filhas e Kryngle, o sheltie de 4 anos da família, para deixá-los na casa de sua ex-sogra. Maire, que não havia viajado mais do que cento e sessenta quilômetros para longe de Calico desde que abandonara a faculdade de repente, há vinte anos, agora embarcava em uma aventura que poderia mudar o rumo de suas vidas para sempre. Dani, de 10 anos, chutava o encosto do banco de Maire no ritmo da batida que vinha dos fones de ouvido da irmã mais velha, Keely. Esta, uma cópia de 12 anos de Maire, estava com o capuz do moletom puxado sobre a cabeça, os cachos ruivos brotando em torno do rosto taciturno, enquanto fingia ler um livro em silêncio.

Maire tamborilava os dedos no volante, ansiosa.

— Vocês ficarão bem — disse, entrando na rodovia que levaria suas filhas à casa da ex-sogra.

Shar era decente. Exceto por fumar como uma chaminé e por ter dado à luz um filho de merda, Maire sabia que ela cuidaria bem das meninas enquanto estivesse fora.

— Não quero ir — murmurou Dani. — Gosto da minha cama. A casa da vovó é esquisita.

As meninas temiam as duas semanas que passariam com a avó, uma mulher entediante e imperturbável, de cabelos grisalhos e ombros caídos. Não haveria noites do filme, nem passeios especiais, nem grandes aventuras, mas estariam bem cuidadas e seguras. E isso era tudo o que Maire queria.

— Achei que você gostasse da vovó Hennessy — comentou Maire. — Vocês vão assar biscoitos e ela vai ensinar crochê pra vocês. Será muito divertido.

— Por que você vai ficar longe por tanto tempo? — perguntou Dani, olhando para Maire pelo espelho retrovisor, os olhos cheios de mágoa. Uma tosse carregada retumbou em seu peito, e ela cobriu a boca com o cotovelo.

A nuvem familiar de preocupação que se materializava sempre que Dani tinha um acesso de tosse pairou sobre Maire.

— São apenas duas semanas. Eu não queria ter que ficar longe — disse ela. — Você sabe disso. Estaria com vocês todos os dias, se pudesse. É uma coisa do trabalho e não posso deixar essa oportunidade escapar.

— Você trabalha de casa — disse Keely, puxando brevemente um dos fones de ouvido.

Maire não se importava de mentir para Shar, mas mentir para suas filhas era outra história. Ela conseguiu uma oportunidade única e, de certa forma, *era* relacionada ao trabalho. Envolvia dinheiro. Muito.

— É uma espécie de concurso — explicou Maire. — E se eu ganhar, ora, seria legal. Mas, mesmo que eu não ganhe, muitas pessoas conhecerão minhas semijoias da Calico Rose e poderão se interessar em vendê-las.

— Tipo a loja Claire's do shopping? — perguntou Dani.

— Sim, Claire's, Target, quem sabe?

As mentiras saíram com facilidade. Os chutes de Dani no encosto do banco de Maire diminuíram enquanto ela refletia sobre o assunto.

— Sinto muito — disse Maire. — Sei que é difícil.

Sua voz falhou na última palavra. Difícil não chegava nem perto de descrever como as coisas foram durante o ano passado. Aterrorizante, humilhante, devastador e esmagador seriam termos mais apropriados.

Bobby nunca foi um marido ou pai exemplar, mas o plano de saúde dele era a tábua de salvação de Dani. Quando ele perdeu o emprego em um silo da cidade e foi embora com a garçonete de 19 anos do Café Raio de Sol, o plano de saúde e qualquer esperança de uma pensão alimentícia também se foram. Quando a primeira cobrança de três mil dólares para as nebulizações de Dani chegou, Maire correu até o banheiro e vomitou. Era impossível. Era muito caro.

Entre a implosão de seu casamento, o impacto que isso teve nas filhas, sua conta bancária que estava perigosamente perto do zero, as dívidas médicas, as semijoias que fazia para sua loja na Etsy e a procura por um emprego com um plano de saúde decente, Maire estava exausta.

As coisas não poderiam continuar assim.

— Tudo vai se acertar — prometeu ela.

Maire relanceou Keely e notou seu olhar acusatório. De toda a família, a garota foi a mais afetada pelo divórcio. Apesar de todos os defeitos dele, Keely era a filhinha do papai e sofria com a ausência de Bobby.

A lista de preocupações não acabava nunca. A saúde de Dani ocupava o topo. A fibrose cística estava sob controle no momento, mas ela estava frágil. A última infecção que teve fez com ela ficasse internada por duas semanas, um cateter e diversos antibióticos, tratamentos e nebulizações. Era tanta coisa que Maire até criou uma pasta para Shar, cheia de instruções detalhadas sobre os cuidados com Dani. Além disso, esperava não estar cometendo um grande erro ao se ausentar. Uma gripe, ou outro tipo de infecção pulmonar que costuma ser simples para a maioria das crianças, pode ser mortal para Dani. E pobrezinha da Keely. A quieta e tímida Keely estava se perdendo na confusão, tornando-se mais distante e isolada. Outra preocupação.

Há um mês, quando recebeu o e-mail sobre o programa, quase o mandou para a lixeira. Maire estava lendo artigos relacionados às